

O Milagre Alemão

Um Outro Olhar

No início do verão, George Soros e alguns influentes economistas keynesianos criticaram o que consideravam ser uma excessivamente rigorosa disciplina fiscal da Alemanha. No entanto, a produção da Alemanha cresceu a uma robusta taxa anual de 9% no segundo trimestre, enquanto a economia dos E.U.A. cresceu a uma taxa anémica de 1,6%. A Alemanha tornou-se num modelo de recuperação?

POR LAWRENCE H. WHITE

INVESTIGADOR DO INSTITUTO CATO E PROFESSOR NA UNIVERSIDADE GEORGE MASON

Num artigo de opinião de Junho, o Ministro das Finanças alemão, Wolfgang Schäuble, justificou a decisão do seu governo, de cortar a despesa, citando a “aversão aos défices e o medo da inflação, que têm raízes na história da Alemanha, no século passado.” Estava provavelmente a referir-se à hiperinflação destrutiva da década de 1920.

No entanto, o Sr. Schäuble poderia ter citado um outro episódio relevante da história da sua nação. Há sessenta e dois anos, a Alemanha foi um modelo de recuperação de uma crise muito diferente. No rescaldo da II Guerra Mundial, as cidades, as fábricas e caminhos de ferro da Alemanha estavam em ruínas. A severa escassez de alimentos, combustíveis, água e habitação desafiavam a mera sobrevivência.

Infelizmente, os decisores políticos, durante a ocupação, perpetuaram a situação de carência, mantendo o controle de preços que o governo nazi tinha imposto antes e durante a guerra. Os consumidores e os empresários lutaram contra o regime burocrático de controle de preços e racionamento, o que o economista alemão Ludwig Erhard descreveu como *Der Papierkrieg* - a guerra do papel. Os mercados negros penetravam.

O novo Partido Social Democrata alemão queria continuar

a política de controle de preços e racionamento, com a qual alguns conselheiros americanos concordaram, especialmente John Kenneth Galbraith. Galbraith, um funcionário do Departamento de Estado dos Estados Unidos para as políticas económicas da Alemanha ocupada e do Japão, foi o czar americano do controle de preços entre 1941 e 1943, afastando a possibilidade de reanimar a economia alemã através da desregulamentação.

Felizmente para os cidadãos alemães, Erhard – que se tornou director da administração económica para a zona de ocupação Reino Unido - EUA em Abril de 1948 – pensava o oposto. A reforma monetária que ajudou a pensar foi talhada para substituir o fraco e velho marco com o novo marco alemão nas três zonas ocidentais, a 20 de Junho. Sem a aprovação do comando militar dos Aliados, Erhard aproveitou a ocasião para emitir um decreto

arrasador abolindo a maioria das directivas de controle de preços e racionamento. Mais tarde, contou a amigos que o comandante americano, o general Lucius Clay, telefonou-lhe quando soube do decreto e disse: “Professor Erhard, os meus assessores dizem-me que está a cometer um grande erro.” Erhard respondeu: “Os meus assessores também.” Não foi um grande erro. Nas semanas seguintes, Erhard eliminou a maioria dos controle de preços, salários, decretos de alocação e directivas

ERHARD RETIROU SUAS IDEIAS DE ECONOMISTAS DO MERCADO LIVRE DA UNIVERSIDADE DE FREIBURG, EM PARTICULAR DE WALTER EUCKEN, QUE DESENVOLVEU UMA FILOSOFIA CLÁSSICA LIBERAL CONHECIDA COMO ORDOLIBERALISMO



EM CIMA **Berlim em ruínas após o fim Segunda Guerra Mundial, Potsdamer Platz, 1945.**
EM CIMA, À DIREITA **Chanceler Konrad Adenauer**
À DIREITA **O Reichstag, em Berlim, local onde se reúne o parlamento alemão.**

de racionamento. Os efeitos foram drásticos.

A escassez acabou, o mercado negro desapareceu, e iniciou-se a recuperação da Alemanha. As compra e vendas com o marco alemão substituíram a troca directa. Segundo os observadores, as fábricas começavam a fumar, os caminhões de entrega enchiam as ruas, e o barulho das equipas de construção ressoava pelas cidades. O sucesso notável das reformas tornou-as irreversíveis. Meses depois, a zona francesa seguiu o exemplo. As autoridades aliadas reduziram os impostos substancialmente.

Entre Junho e Dezembro de 1948, a produção industrial nas três zonas ocidentais aumentou de forma impressionante em 50%. Em Maio de 1949 as três zonas formaram a República Federal da Alemanha, conhecida por Alemanha Ocidental, enquanto que a Alemanha Oriental permaneceu sob domínio soviético como República Democrática Alemã.

O crescimento continuou com as políticas pró-mercado do novo governo da Alemanha Ocidental. Erhard tornou-se Ministro da Economia, sob o Chanceler Konrad Adenauer entre 1949 e 1963. A economia da Alemanha Ocidental não só deixou a Alemanha Oriental de rastos, como ultrapassou a França e o Reino Unido, apesar de receber muito menos ajuda do Plano Marshall. Foi a era do *Wirtschaftswunder* ou “milagre económico”.

Entre 1950 e 1960 a produção real da economia da Alemanha Ocidental mais do que duplicou, crescendo, durante uma década, a uma taxa anual composta de cerca de 8% ao ano. Econometristas que tentaram analisar os vários factores que contribuíram para este registo notável, descobriram que nem tudo pode ser atribuído a uma força de trabalho crescente e a fluxos de investimento, ou à “recuperação” a partir de um baixo nível inicial de produção. Uma grande fatia do crescimento do período é explicada por uma política económica superior.

Erhard sucedeu a Adenauer em 1963 e serviu como chanceler por três anos. O seu sucesso eleitoral foi um apoio às políticas que tinham desencadeado o *Wirtschaftswunder*.



Erhard retirou suas ideias de economistas do mercado livre da Universidade de Freiburg, em particular de Walter Eucken, que desenvolveu uma filosofia clássica liberal conhecida como Ordoliberalismo (de *ORDO*, o jornal académico onde os economistas publicavam suas ideias). O interesse pelas ideias Ordoliberais diminuiu na Alemanha após 1963, eclipsadas pelo interesse na economia keynesiana. O Estado providência cresceu. A economia ficou bloqueada com as políticas dos grupos de interesse. Não por coincidência, o crescimento económico também diminuiu. Entre 1960 e 1973, o crescimento foi de cerca de metade da década de 1950, e durante o período 1973-1989 reduziu novamente para metade, apenas 2% ao ano.

O interesse no Ordoliberalismo começou a renascer entre os académicos nas décadas de 1970 e 1980, e continua a ter uma presença institucional em Freiburg, na universidade e no Instituto Walter Eucken. Um maior interesse entre os políticos podem ser a melhor coisa para relançar o crescimento económico alemão, a longo prazo.

Se o Sr. Schäuble é sincero quando diz que, em comparação com os decisores políticos norte-americanos, “pensamos a longo prazo e estamos, portanto, mais preocupados com as consequências dos défices excessivos e os perigos da inflação alta”, pode encontrar um modelo a seguir nas políticas do seu antecessor, de há 60 anos. ::